



## Educação em Saúde e Sexualidade do Escolar

Daniel Cavarette Dziabas<sup>1</sup>, Sybelle de Souza Castro Miranzi<sup>2</sup>

### 1. Introdução

Conhecimento é a apreensão da realidade, e o aprendizado é a modificação deste conhecimento (Levy et. al., 2007, p. 01). A educação em saúde visa, através do aprendizado, ao implemento da responsabilidade do indivíduo sobre sua saúde e a de sua comunidade. Ela estabeleceu-se, formalmente, como área específica, na segunda década deste último século, nos Estados Unidos, durante uma Conferência Internacional sobre a Infância. No Brasil, instituiu-se no âmbito da saúde pública, orientando novas práticas e, mais tarde, constituiu-se em área de estudo e pesquisa (Schall & Struchiner, 2007, p.01).

Segundo o Comitê de Especialistas em Planejamento e Avaliação dos Serviços de Educação em Saúde, da Organização Mundial de Saúde – OMS:

O foco da educação em saúde está voltado para a população e para a ação. De uma forma geral, seus objetivos são encorajar as pessoas a: a) adotar e manter padrões de vida saudáveis; b) usar de forma judiciosa e cuidadosa os serviços de saúde colocados à sua disposição, e c) tomar suas próprias decisões, tanto individual como coletivamente, visando melhorar suas condições de saúde e as condições do meio ambiente (LEVY, 2007, p. 01).

Durante seu desenvolvimento, o ser humano passa por mudanças estruturais, funcionais e comportamentais que são determinantes para a formação da identidade pessoal e social (Bueno, 2006, p.98). Na adolescência, esse processo dinâmico da evolução é caracterizado por grandes transformações: crescimento biológico, mudanças psicossociais e cognitivas. Além disso, concomitante à idéia contemporânea de que a adolescência e a juventude são fontes de grandes oportuni-

### Resumo

Este estudo objetiva relatar a experiência de universitários no desenvolvimento do curso de educação sexual em uma escola municipal. Metodologia: projeto de extensão em "Sexualidade e Educação em Saúde do Escolar", desenvolvido por acadêmicos e docentes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em uma escola municipal, na forma de curso, para os escolares do ensino fundamental, dividido em 6 módulos: 1) Fisiologia e anatomia humana; 2) Iniciação, maturação e comportamento sexual; 3) Métodos contraceptivos; 4) DST/Aids; 5) Violência e exploração sexual; 6) Menopausa/Andropausa e disfunções sexuais. O método didático foi interativo, dinâmico e lúdico, permeado por grande variedade de materiais ilustrativos. Foram aplicados pré e pós-questionários de conhecimento sobre sexualidade para avaliação. Resultados: 88% dos estudantes possuíam conhecimento deficitário sobre sexualidade, mesmo aqueles sexualmente ativos (40%). Os mitos sobre sexualidade foram presentes nas opiniões da maioria dos alunos. Os módulos 2, 3 e 4 despertaram maior atenção e dúvidas. 72% não conversam sobre sexo com seus pais ou professores, baseiam seu conhecimento em revistas, programas de TV e conversas informais. Conclusão: Há necessidade de inserção de temas e atividades relacionados à educação sexual nas escolas. O método utilizado foi satisfatório para melhor preparo dos estudantes para a vida sexual. Essa atividade possibilitou capacitar os acadêmicos para uma abordagem adequada ao público alvo, no que tange a linguagem e técnicas didáticas.

**Palavras-chave:** Educação em saúde; Sexualidade; Adolescência.

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Medicina. Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: dziabas@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora adjunta do Departamento de Medicina Social da UFTM. Mestre em Epidemiologia e Doutora em Saúde Pública. E-mail: sybelle@mednet.com.br

dades, circulam idéias associadas à noção de crise, desordem – problemas sociais que necessitam de atenção pública (Medrado; Lyra, 1999, p. 238). O melhor conhecimento dessas mudanças pode contribuir para um amadurecer concreto e saudável.

A formação da identidade, no contexto coletivo, decorre das diferentes vivências no meio social onde estão inseridos. A construção dessa identidade resulta da aprendizagem social, não apenas ligada às ações ativamente exercidas nos diferentes círculos sociais, mas também ligada às suposições mais gerais a respeito de pré-conceitos, tabus e mitos presentes no grupo (Sousa, 1999, p. 42).

Os jovens estão expostos a vulnerabilidades relacionadas à saúde reprodutiva, área propícia e bastante usada na biologia para perpetuar conceitos sociais existentes sobre os papéis feminino e masculino. Essa ciência associa as diferenças anatômicas da mulher e do homem a padrões de comportamento impostos ao sexo biológico (Azevedo & Abdo, 2006, p. 184). As determinações sociais interferem na sexualidade de homens e de mulheres e estabelecem atitudes próprias (e diferentes) para ambos os sexos quanto a questões relativas à reprodução: sexualidade, anticoncepção, aborto, maternidade e paternidade, observados nos depoimentos de mulheres e homens (Luz, 2000, p. 04).

Acredita-se que a iniciação sexual e a continuidade das interações sexuais devem ser organizadas por escolhas pessoais, racionais, individualizadas, de forma que se reflita sobre a hora certa de iniciar uma relação, de mantê-la ou rompê-la, de tal forma que, a partir dessa reflexão racional, os adolescentes optem pelas relações sexuais seguras (Rosistolato, 2006, p. 01).

Porém, quando se fala em “educação sexual”, esbarra-se em muitos preconceitos e tabus. Por total desconhecimento do assunto, pensam que, se ela for implantada na escola, seus filhos e alunos iniciarão a vida sexual precocemente. Sem a orientação correta, a atitude dos adolescentes não poderia ser diferente da que predomina à sua volta. Conversar de forma séria sobre assuntos sexuais, em geral, tende a baixar a ansiedade dos jovens, que, naturalmente, são muito curiosos e desejam viver suas experiências o mais rápido possível (Rosistolato, 2003, p. 133).

A sexualidade é tema vivenciado e discutido, formal ou informalmente, por alunos e professores

nas escolas, e tem papel fundamental no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Dessa forma, os profissionais da educação e a família, através do seu relacionamento pessoal e profissional com o escolar, contribuem para seu desenvolvimento, aquisição de novos comportamentos e possibilitam desenvolver estratégias para seu viver em sociedade (Chaves, 2004, p. 01).

Contudo, nem sempre os educadores e a família têm conhecimento da influência que possuem no processo ensino-aprendizagem do jovem escolar. A identificação das limitações e necessidades dos profissionais da educação e das famílias pode contribuir para uma conduta mais adequada diante do desenvolvimento do escolar (Chaves, 2004, p.02).

Entende-se por educação sexual um conjunto de projetos pedagógicos que têm por objetivo permitir que os adolescentes estabeleçam contato, na escola, com uma série de questões organizadas em três blocos de conteúdos (a) corpo: matriz da sexualidade (b) relações de gênero e (c) prevenção a doenças sexualmente transmissíveis – DST/Aids (Brasil, 1997, p.102). Os conteúdos são organizados a partir da expectativa de que o aprendizado da educação sexual ainda na escola de ensino fundamental possa promover a construção de condutas sexuais orientadas por um tipo de racionalidade que meça os custos e benefícios das relações sexuais protegidas em comparação com aquelas que são consideradas desprotegidas.

No plano escolar, o incremento da educação sexual vai além da **abordagem pedagógica de temas da sexualidade humana**, a qual deve ser feita em contextos curriculares e extracurriculares, numa lógica interdisciplinar, privilegiando o espaço, a turma, as diferentes necessidades das crianças e dos jovens, o **apoio às famílias na educação sexual das crianças e dos jovens e o estabelecimento de mecanismos de apoio individualizado e específico às crianças e jovens que dele necessitem.**

## 2. Objetivo

Relatar a experiência de um Projeto de Extensão desenvolvido pela UFTM no ano de 2006, sobre Sexualidade e Educação em Saúde do Escolar, executado por acadêmicos do curso de medicina, em uma escola municipal de Uberaba/MG.

### 3. Materiais e Métodos

O trabalho com a adolescência se elabora em torno das indagações com que a escola se vê confrontada, ao constatar que o adolescente, hoje, encontra fora da escola espaços de aprendizagem de maiores identificações que em seu interior. Ensinar não é transferir conhecimento, haja vista que esse, além de ser apreendido, deve ser constantemente testemunhado e vivido. A interação educador e educando exige ética, crítica, respeito aos saberes dos educandos, apreensão da realidade, bom senso, saber ouvir, humildade e comprometimento (Freire, 1996, p. 47). Dessa forma, a vivência, o lúdico, o diálogo, a reflexão e a produção são o eixo da proposta metodológica, possibilitando a aquisição de novas posturas e maneiras de atuação, onde os processos de conhecer e intervir no real não se encontrem dissociados. A interação entre o educador e seu aluno passa por um diálogo contínuo e um redescobrir de quem somos e de como nos relacionamos, oferecendo oportunidades para mudanças internas, provocando o aprofundamento das reflexões e incentivando o desenvolvimento da autonomia e da ação. Para isso, no desenvolvimento da capacitação, são utilizados recursos tais como música, poesia, dramatizações, filmes, júri simulado, aliados ao cotidiano dos participantes e subsidiados por material teórico e ilustrativo apropriado, como: manequins, peças anatômicas, kit com métodos de contracepção, dentre outros.

A educação sexual foi desenvolvida por acadêmicos da UFTM inseridos num projeto de extensão sobre “Sexualidade e Educação em Saúde do Escolar” em 2006, com apoio financeiro do Programa de Integração Serviço e Ensino/2006, da Secretaria do Estado da Saúde de Minas Gerais. O público alvo foi de 25 alunos do último ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Uberaba-MG, que funciona também como semi-internato para meninas em situação de vulnerabilidade social, no que tange à violência sexual infanto-juvenil. O projeto de extensão foi previamente apresentado aos docentes e coordenadores da escola, que puderam opinar e intervir nos métodos e propostas do planejamento, bem como colaborar na execução dos mesmos.

As atividades educativas foram divididas em 6 módulos e executadas em período letivo, no horário de aula:

- 1) Fisiologia e anatomia humana, tendo como tópicos: a) características anatômicas dos órgãos sexuais masculino e feminino, ilustrados através de figuras de Atlas de anatomia, manequins apropriados e peças anatômicas fixadas em formol; b) fisiologia do organismo masculino (puberdade, desenvolvimento de caracteres sexuais secundários, ereção e ejaculação) e feminino (puberdade, desenvolvimento de caracteres sexuais secundários, menstruação, ovulação, fecundação, gravidez), explanados com a utilização de vídeos educativos e figuras ilustrativas.
- 2) Iniciação, maturação e comportamento sexual, tendo como tópicos: a) desenvolvimento e maturação sexual masculina e feminina; b) histórico e curiosidades sobre o comportamento sexual; c) diferenças entre o comportamento sexual masculino e feminino; d) “tabus” culturais: como “há idade certa para iniciação sexual?” Esse módulo foi desenvolvido através de dinâmicas de grupo, debates de opiniões e atividades lúdicas / teatrais.
- 3) Métodos contraceptivos, cujos tópicos foram: a) planejamento familiar; b) tipos de métodos contraceptivos; c) vantagens e desvantagens dos diferentes tipos de métodos; d) eficácia dos métodos de contracepção. Módulo desenvolvido através da exposição de modelos dos métodos contraceptivos e atividade lúdica / teatral a respeito de planejamento familiar.
- 4) DST/Aids, tendo como tópicos: a) Conceito de DST/Aids; b) histórico e prevalência; c) agentes etiológicos; d) formas de transmissão; e) formas de prevenção; f) sinais e sintomas. Explicação realizada com a utilização de material impresso ilustrado e vídeo educativo.
- 5) Violência e exploração sexual, tendo como tópicos: a) conceitos de violência, exploração e abuso sexual; b) orientações quanto ao procedimento diante de tais situações. Módulo desenvolvido através de debate, dinâmica de grupo e execução de vídeo (tipo: documentário).
- 6) Menopausa/Andropausa e disfunções sexuais. Realizado através de debate e exposição de material didático impresso.

Cada módulo foi desenvolvido no período de 100 minutos, semanalmente. Antes do início do módulo 1, os acadêmicos foram se apresentar e conhecer os adolescentes e aplicaram um pré-questionário de conhecimento a respeito da sexualidade, que teve por objetivo conhecer o público-alvo,

bem como avaliar o seu conhecimento prévio sobre os assuntos a serem abordados nas atividades, além de avaliar os temas de interesse. Ao término do módulo 6, foi reaplicado o questionário, a fim de se avaliar o grau de aprendizagem a partir da educação sexual desenvolvida. Utilizou-se o software TABWIN para gerência e análise dos dados coletados.

#### 4. Desenvolvimento (Resultados e Discussão)

A realização do curso foi aprovada por 96% dos estudantes que participaram das atividades. O pré-questionário verificou que 88% dos estudantes possuíam conhecimento deficitário quanto à sexualidade, no início do projeto (rendimento inferior a 50% do total do questionário), sendo que 40% dos alunos eram sexualmente ativos. A média de idade dos alunos foi de 14,4 anos, sendo a moda de 14 anos. Verificou-se que 40% deles não conheciam bem a anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais.

Os mitos e tabus sobre sexualidade foram presentes nas opiniões e conceitos de boa parte dos alunos durante os debates, especialmente, quanto à idade certa para iniciação sexual, planejamento familiar e diferenças comportamentais entre os sexos. 56% não souberam diferenciar gravidez planejada de indesejada, bem como conceituar DST, identificar formas de transmissão e prevenção das mesmas. O que se observou de forma geral é que a maioria deles tem e defende conceitos embasados em informações obtidas por diferentes meios: televisão, revistas e amigos; sem saber, propriamente, fundamentá-las com seus próprios conceitos. Foi observado que a maioria (72%) não fala sobre sexualidade com seus pais ou professores.

Os módulos 2, 3 e 4 despertaram maior atenção e dúvidas, as mais frequentes foram quanto ao funcionamento dos órgãos sexuais, transmissão de DST/Aids, prevenção da gravidez, disfunção sexual, orgasmo feminino e diferenças comportamentais entre homens e mulheres. Notou-se pouca participação dos alunos no tema violência e exploração sexual. Uma das hipóteses levantadas que justificaria a menor aceitação deste tema seria a presença de meninas vítimas de violência sexual dentre os alunos dessa escola, como relatado anteriormente.

O pós-questionário revelou que 80% dos alunos apresentaram melhor conhecimento da fisiologia e anatomia dos órgãos sexuais após o processo de aprendizagem; 76% compreenderam

melhor as diferenças de maturação e comportamento masculino e feminino e 72% souberam definir e exemplificar DST, bem como diferenciar gravidezes indesejadas e planejadas. Alguns mitos e tabus foram quebrados. Os mais evidentes foram quanto às diferenças comportamentais entre homens e mulheres no que diz respeito à iniciação sexual, prazer na relação sexual e métodos contraceptivos. 80% declararam-se mais preparados para a vida sexual após o término do projeto.

A abordagem de um tema que gera, em boa parte das pessoas, sentimentos de inibição e constrangimento deve ser tratada com cautela, de tal forma que, paulatinamente, por meio do contato semanal, os acadêmicos que executam o projeto possam se aproximar dos alunos a ponto de os mesmos sentirem-se mais à vontade para discutir assuntos que normalmente não conversam com estranhos. Esta aproximação, facilitada pelo contato semanal com o mesmo grupo de alunos, teve um importante papel facilitador e implementador das dinâmicas e discussões. Nos últimos módulos foi evidente a maior participação dos alunos e menor inibição em tratar sobre o assunto. Muitos revelaram que, ao longo dos módulos, ficaram mais à vontade, inclusive, para conversar sobre sexo com os pais e irmãos em casa.

A experiência foi certamente enriquecedora também para os acadêmicos que, através deste projeto de extensão, puderam desenvolver atividades didáticas, lúdicas e dinâmicas, complementando assim, a formação curricular. Dificuldades didáticas, tais como: falar em público, manter a ordem na sala, ganhar a atenção dos estudantes e debater assuntos extensos em curto espaço de tempo foram, aos poucos, vencidas ao longo da execução do projeto, servindo, portanto, de aprendizagem aos acadêmicos.

O apoio do corpo docente e da direção da escola municipal foi fundamental para um melhor desenvolvimento do projeto de extensão, tanto no que diz respeito à infra-estrutura e período de tempo letivo disponibilizados, quanto ao apoio durante a realização de algumas atividades lúdicas.

#### 5. Conclusão

A educação sexual desenvolvida por universitários – enquanto projeto de extensão – em uma escola municipal, apresentou boa receptividade por parte dos estudantes, docentes e coordenadores da escola. Verificou-se que há necessidade de maior

inserção de temas e atividades relacionados à educação sexual nas escolas para melhor formação e preparo dos estudantes. A experiência possibilitou que os acadêmicos executores do projeto se preparassem para trabalhar com essa faixa etária no que tange linguagem acessível, dinâmicas, conteúdos e formas de interação com o público alvo. Como observado, mesmo estudantes sexualmente ativos têm déficit de conhecimento sobre a temática; mitos sobre sexualidade foram presentes nas opiniões da maioria dos alunos; grande parte dos escolares não conversa sobre sexo com seus pais e professores e baseia seu conhecimento em revistas, programas de TV e conversas informais. Dentre os assuntos abordados, os que despertaram maior atenção e dúvidas foram: métodos contraceptivos, iniciação e maturação sexual e DST/Aids. Dessa forma, a educação sexual ao escolar contribui para uma formação holística, pautada em informações corretas e coerentes, permitindo que os jovens lidem melhor e de forma mais saudável com sua sexualidade.

## 6. Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Gabriela Eitelberg; ABDO, Carmita Helena Najjar. Adolescentes de classe média do ensino fundamental: prática e conhecimento da sexualidade. *Pediatrics*. São Paulo, v. 28, n. 3, p. 184-190, 2006.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental e Ministério da educação, 1997. p. 102.
- BUENO, Cléria M. L. B. O papel das representações sociais da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*. v.16, n.3, p. 92-103, set.-dez, 2006.
- CHAVES, Gustavo Batista; QUEIROZ, Eliza; GUERRA, Leonor Bezerra. Apontamentos para trabalho em educação sexual nas escolas. IN: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 7, 2004, Belo Horizonte. *Anais*, Belo Horizonte, 2004. p. 01-02.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 26-47.
- LEVY, Sylvain Nahum; SILVA, João José Cândido; CARDOSO, Iracema Fermont Ribeiro; MOREIRA, Lygia Luiza Schmal; MONTIANI, Helena; CARNEIRO, Rosa Maciel. *Educação em saúde, histórico, conceitos e propostas*. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cns/temas/educacaosaude/educacaosaude.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2007.
- LUZ, Anna Maria Hecker; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira. Feminino e masculino: repercussões na saúde dos adolescentes. IN: RAMOS, Flávia Regina Souza; MONTICELLI, Marisa; NITSCHKE, Rosane Gonçalves (Org.). *Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000. p. 37-45.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. IN: SCHOR, Néia; MOTA, Maria do Socorro F. Tabosa; BRANCO, Viviane Castelo. (Org.) *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. p. 230-48.
- ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Adolescência, sexualidade e saúde: intersecções entre as representações e as práticas dos professores que desenvolvem projetos de educação/orientação sexual na escola. IN: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7, 2006, Florianópolis, 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/R/Rodrigo\\_Rosistolato\\_07\\_B.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/R/Rodrigo_Rosistolato_07_B.pdf)> Acesso em: 22 jul. 2007.
- ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha. Orientação Sexual nas escolas: classificações de gênero em uma escola carioca. *Gênero*. Niterói, v.4, n.1, p. 133 – 150, 2003.
- SCHALL, Virgínia Torres.; STRUCHINER, Miriam. Educação em saúde: novas perspectivas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X199900060001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X199900060001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 Set. 2007
- SOUSA, Vilma. et. al. *Sexualidade do adolescente: fundamentos para uma ação coletiva*. Salvador/Belo Horizonte: Fundação Odebrecht / Secretarias de estado da educação e da saúde de Minas Gerais. 1999. p. 42.

## Abstract

This study has the objective of telling about the experience of colleges' student on development of a sexual education course in a Brazilian public school. Methods: a project of university extension in “Sexuality and Health Education for students”, developed by academics and professors of the Federal University of Triângulo Mineiro/Brazil for middle school students. It was divided in 6 subjects: 1) Physiology and anatomy human; 2) Initiation, maturation and sexual behavior; 3) Contraceptive methods; 4) STD/Aids; 5) Violence and sexual exploration; 6) menopause/andropause and sexual dysfunctions. The didactic method was interactive, dynamic and playful with many illustrated materials. A previous and after-questionnaire was applied to evaluate the students' knowledge about sexuality. The software TABWIN was used for management and analysis of the data. Results: 88% of the students had low knowledge about sexuality, including those in sexual activity (40%). Myths and taboos about sexuality were found in opinions of good part of the students. Subjects 2, 3 and 4 brought many doubts. The majority (72%) doesn't talk about sexuality with its parents or professors, and bases its knowledge in magazines, informal TV programs. Conclusion: The course's method was satisfactory for a better preparation of the students for sexual life and the academics for language and didactic techniques

**Keywords:** Health education, Sexuality, Adolescence.

